

**A FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS
A PARTIR DO PARTICÍPIO PASSADO LATINO:
UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO PROCESSO DE APOFONIA**

Rosângela Nobre da Silva (FGF; UCAM)
rosangela.nobre@gmail.com

RESUMO

Os estudos linguísticos têm se revelado pouco favoráveis a pesquisas no aspecto etimológico do português, embora seja indiscutível que o percurso histórico de uma língua constitui um valioso subsídio para a análise e compreensão das particularidades que envolvem a sua formação. Baseando-se nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo investigar as transformações históricas intralinguísticas ocorridas na estrutura dos vocábulos, observando a influência do participípio passado latino na origem de vocábulos do português por meio do processo de apofonia. Para isto, serão utilizados como referenciais teóricos: Manuel Saíd Ali (1931), Mário Eduardo Viaro (2004 e 2014), Eduardo Carlos Pereira (1935), Francisco Torrinha (1942), Antônio Houaiss e Mauro Villar (2009), entre outros, com respaldo nos pressupostos da fonética histórica e da etimologia. Realizou-se a pesquisa bibliográfica, por meio da qual se extraíram dos *corpora* mencionados exemplos de verbos latinos na forma de participípio passado, e se investigou a permanência da raiz desses verbos nas suas palavras derivadas, submetidas a alterações fonéticas (metaplasmos). A análise permitiu evidenciar a predominância de elementos latinos no léxico do português, ainda que apresentando forma descaracterizada, em virtude das modificações históricas, o que dificulta a identificação de vestígios da língua de origem nas palavras derivadas, se observadas na sincronia atual. Tal ocorrência sugere a necessidade do estudo diacrônico desses termos.

Palavras-chave:

Léxico. Língua latina. Língua portuguesa. Mudança histórica. Apofonia

1. Introdução

O processo de formação de uma língua é marcado por questões históricas e envolve mudanças de natureza extralinguística, como as conquistas territoriais de um povo, e as de natureza interna ou linguística, que estão intimamente relacionadas às transformações ocorridas no interior da língua e afetam diretamente a estrutura das palavras.

O português, ao lado das demais línguas românicas, teve origem no latim vulgar, modalidade inculta da língua, falada no meio popular na região central da Roma antiga. Nesse contexto, os romanos, à medida que conquistavam novas terras, impunham sua cultura e seu idioma aos povos vencidos. Esses, por sentirem dificuldade em reproduzir sons es-

tranhos, acabavam mesclando o seu idioma nativo com a língua imposta, o que resultou na fragmentação do latim, e, como consequência, surgiram os dialetos, ou romances, que resultaram nas línguas neolatinas, entre elas o português, que se constitui de um léxico de origem predominantemente latina. (ALI, 1931). Baseando-se nessa íntima relação entre língua-fonte e língua originada, Francisco Evaristo Leoni (1858) afirma que a língua portuguesa é a filha primogênita da língua latina.

O percurso histórico de transição do latim ao português foi caracterizado por mudanças fonéticas, alterações ocorridas na estrutura das palavras. Essas transformações são inconscientes e se manifestam na linguagem coloquial oral por ser esta a modalidade espontânea da língua. Sobre o caráter da fonética histórica, Eduardo Carlos Pereira (1935) afirma que:

A evolução fonética opera-se por uma modificação espontânea e inconsciente dos phonemas vocabulares, sob o influxo do meio ou das aptidões variáveis do aparelho de phonação. Deste modo, os vocabulos latinos foram-se transformando, na bocca do povo e das gerações, sem intervenção da vontade humana [...]. (PEREIRA, 1935, p. 43)

Ao se mencionar o contexto da comunicação coloquial oral, pressupõe-se que essa modalidade da língua corresponde a um falar despreocupado, movido pelo dinamismo, o que revela que o falante na sua linguagem corriqueira, preza por uma comunicação ágil e eficaz, fator responsável pela omissão ou adição de fonemas nas palavras proferidas. Nessa perspectiva, Eduardo Carlos Pereira (1935) afirma que tais alterações respondem a leis glóticas, em particular a lei do menor esforço, segundo a qual há uma “tendência constante da língua em realizar o seu fim do modo mais simples” (PEREIRA, 1935, p. 45). Tal simplificação, de acordo com Mário Eduardo Martelotta (2011), manifesta-se na linguagem cotidiana e, após atingir um *status* de prestígio na sociedade, migra para a escrita, por um processo lento ao qual não se pode estabelecer precisão entre o intervalo de um fenômeno e outro.

A pesquisa será embasada nos pressupostos da fonética histórica, com ênfase nas transformações metaplásmicas, que envolvem as alterações ocorridas nas palavras durante o processo histórico de passagem do latim às línguas românicas. As transformações envolvidas na evolução da língua-fonte à língua originada receberam a denominação de metaplasmos e são caracterizadas de acordo com o tipo de mudança na palavra, que pode ocorrer por acréscimo, supressão, transição, deslocamento e transformação de fonema, que, ainda, de acordo com a posição da mu-

dança, pode se manifestar no início, no meio ou no fim da palavra, conforme será exemplificado mais adiante. Devido à brevidade deste estudo, será privilegiada a análise da apofonia, um caso particular de metaplasmo que consiste na mudança da vogal da raiz por influência do afixo, mais precisamente a vogal da raiz de verbos na forma de particípio passado na evolução do latim ao português.

Optou-se por abordar as questões linguísticas de caráter histórico por se considerar que existe uma lacuna motivada pelo descaso com o tratamento dos estudos no campo da etimologia do português, que se constitui de um acervo inferior em extensão nas bibliotecas brasileiras se comparado com outras vertentes da linguística. Portanto, pretende-se contribuir para a ampliação do acervo científico dos estudos etimológicos envolvidos no processo de formação da língua portuguesa. Este trabalho tem como objetivo investigar o processo histórico de alguns vocábulos latinos na forma evoluída para o português, em especial o processo de apofonia no particípio passado, que contribuiu para a formação de inúmeras palavras.

Para evidenciar as questões propostas, serão utilizados, para fins de ilustração, exemplos extraídos dos *corpora* anteriormente mencionados. Para abordar as contribuições dos autores consultados, será preservada a grafia do texto na edição citada.

2. As transformações históricas e o processo de apofonia no português

As mudanças ocorridas no processo de formação das línguas naturais envolvem as transformações que concorrem entre si em um período simultâneo no tempo, como as diferenças de falares de uma região para outra (sincronia), e aquelas que se caracterizam pelas alterações ocorridas historicamente e que são observadas considerando-se a evolução das palavras no decorrer do tempo por meio do método histórico-comparativo. Esse fenômeno denomina-se diacronia.

Ao se observar o léxico do português em uma sincronia isolada das demais que envolvem todo o processo de evolução das palavras, torna-se dificultoso recuperar o elemento no vocábulo que pertence à língua de origem, pois o estágio atual pode apresentar-se tão modificado a ponto de não deixar vestígios da língua-fonte. Daí a importância de se examinar o processo à luz da diacronia, levando em consideração o passo

a passo dessas transformações no decorrer do tempo do início até o estágio atual, para que a compreensão de tais mudanças seja efetivada. (VIARO, 2004)

Conforme anteriormente mencionado, as transformações ocorridas nas palavras das línguas românicas receberam a denominação de metaplasmos, que são as mudanças fonéticas ocorridas no nível estrutural das palavras. O termo metaplasmo tem origem no grego: *metaplasmos* = transformação. “[...] são as alterações fonéticas ou accidentaes do sistema phonetico, que soffrem os vocabulos em suas transformações historicas” (PEREIRA, 1935, p. 53). Essas mudanças podem ocorrer por acréscimo: *stare* > estar; *scholam* > escola; por supressão: *colorem* > *coor* > cor (VIARO, 2004, p. 128 e 148); por transposição – deslocamento de fonema ou de acento tônico da palavra: *pro* > por; *inter* > entre (PEREIRA, 1935, p. 62); por transformação: *focum* > fogo; *formosum* > formoso; *ille* > ele; *illam* > ela (VIARO, 2014, p. 169). Tais fenômenos se subdividem em casos mais específicos, os quais não se faz necessário detalhar neste estudo.

Dentre os tipos de transformação, ocorre a apofonia, um caso particular de metaplasmo que consiste na mudança fonética da vogal da raiz por influência do afixo, que pode vir antes da raiz (prefixo) ou depois da raiz (sufixo). Tal fenômeno é mais especificamente definido como: “Apophonia ou deflexão é a permuta de uma vogal por outra sob a influencia de um prefixo em vocabulos compostos. Este metaplasmo se opera largamente no dominio do latim” (PEREIRA, 1935, p. 58). O autor trata por vocábulo composto por ele ser formado pela junção do prefixo a uma palavra já existente. Exemplos: *ad* + *cantum* > *accentum*; *con* + *factum* > *confactum* > confeito; *ob* + *jactum* > *objecto* (PEREIRA, 1935, p. 59). Os exemplos ilustram a mudança fonética da vogal por meio da transformação do *-a* da raiz em *-e*.

É comum, em uma análise superficial, ocorrer o equívoco de se classificar como sinônimos os termos raiz e radical. Contudo, de acordo com Mário Eduardo Viaro (2004), é imprescindível esclarecer as peculiaridades de cada um: enquanto a raiz representa a origem da palavra, constituindo-se de uma só sílaba, o radical consiste no prolongamento da raiz pelo processo de afixação, a incorporação de um prefixo ou sufixo à raiz. Ainda segundo Mário Eduardo Viaro, “o particípio passado [...] é responsável por um sem número de radicais, muitas vezes originados de formas irregulares latinas”. É a partir dessa forma verbal que surgem muitas de nossas palavras, que, na maioria das vezes, se encontram des-

caracterizadas na forma atual, devido ao grande número de transformações históricas.

Partindo da perspectiva da mudança histórica na estrutura dos vocábulos, observa-se o termo *-iactus* (lançado, jogado, arremessado), particípio passado de *-iacio*. O dicionário latino-português apresenta a seguinte definição: *Jacio* ou *iacio*, *ieci*, *iactum* [...] Lançar, arremessar, atirar: arrojar contra [...]; *jactus* ou *iactus*, *a*, *um*, part. de *iacio*: **1.** Lançado, arremessado. **2.** proferido, dito. (TORRINHA, 1942, p. 453). O motivo de a palavra ora ser grafada com a inicial *-j* ora com *-i* se explica pelo fato de que no latim não havia distinção de pronúncia da vogal *-i* e da consoante *-j*, que surgiu com o tempo – o *-i* passou a *-j* – por meio do processo de palatização, em que há a transformação de um fonema comum em uma consoante palatal – que ocorre quando pronunciado o fonema, a língua entra em contato com o palato. Ex.: *iam* > **já**, *pluvia* > **chuva**.

Segundo Antônio Houaiss e Mauro Villar (2009), “[...] Etim. lat. *Subjectus*, *a*, *um*, 'posto de baixo, colocado, situado abaixo' [...]” (HOUAISS & VILLAR, 2009, p. 1787). Quando um termo se refere a um adjetivo, o dicionário latino o emprega nos três gêneros: masculino, feminino e neutro, sendo o primeiro gênero a forma do masculino, seguido da desinência do feminino e a do neutro: *subjectus*, *a*, *um*. Neste exemplo se observa a transformação caracterizada pela passagem do *-a* da raiz em *-e* (*subjectus* > *subjectus*), o que implica depreender que nessa etapa de sua evolução, a palavra já havia sido submetida ao processo de apofonia. Outras transformações ocorreram até resultar na forma atual (sujeito), porém detalhar o passo a passo não se faz necessário para o propósito deste estudo.

O mesmo processo ocorre no percurso do verbo latino *capere* (pegar), com a raiz $\sqrt{\text{cap-}}$ e a forma *captus* no particípio passado. Desse particípio originou-se o verbo *cap.t. are* (pegar), constituindo um novo radical: $\sqrt{\text{cap.t.}}$. No processo de apofonia, o *-a* do radical passa a *-e*: *cap.t* > *cep.t*. Com o acréscimo do prefixo *-ex* (para fora), gerou-se a palavra *exceptio* no latim, que em português resultou nos termos *exceto* e *exceção*. (VIARO, 2004, p. 25). De acordo com o autor, a palavra exceção remonta a ideia de retirada de um caso particular de dentro de uma regra geral.

Em relação à forma infinitiva (captar), Antônio Houaiss e Mauro Villar a definem da seguinte forma: “[...] Etim. lat. *capto*, *as*, *avi*, *atum*, *are*, 'tentar apreender, obter, conquistar' [...]” (HOUAISS & VILLAR,

2009, p. 397). As formas *capto*, *as*, *avi*, *atum*, *are* se referem aos tempos primitivos do verbo (comumente apresentadas nos dicionários latinos) e que, segundo Napoleão Mendes de Almeida (2000, p. 208), correspondem, respectivamente, à primeira e segunda pessoa do singular do presente do indicativo, à primeira do singular do pretérito perfeito, ao supino¹ e ao infinitivo. A partir das formas primitivas, são gerados os demais tempos verbais, denominados tempos derivados. Sobre a forma do adjetivo, Francisco Torrinha afirma: “1. *captus*, *a*, *um*, part. de *capio*: **1.** Tomado; apanhado. **2.** cativo; privado. [...]” (TORRINHA, 1942, p. 124). É notória a permanência do radical *capt*, que coincide nos exemplos apresentados pelos referidos autores.

O verbo *peller*, que no latim significa lançar, atirar, tem a forma *pulsus* (lançado, arremessado) no particípio passado. Essa forma deu origem a *expulsare*, que em português resultou em expulsar. A partir da raiz *pel-*, surgiu o verbo *expellere* (expelir). Ao se associar o prefixo *-re* (para trás) à mesma raiz, forma-se a palavra *re.pell.ere*, que significa jogar para trás, ou seja, repelir (VIARO, 2004, p. 27). Para Antônio Houaiss e Mauro Villar (2009), o adjetivo *expulso*, que tem a mesma forma do particípio, apresenta a seguinte etimologia: “[...] lat. *expulsus*, *a*, *um*, part. pass. de *expellere*, 'lançar para fora de, repelir, expelir [...]’ (HOUAISS & VILLAR, 2009, p. 861). Francisco Torrinha (1942) define o termo da seguinte forma: “[...] *pulsus*, *a*, *um*, part. de *pello*: **1.** Batido, tocado. [...] **3.** Lançado, arremessado; repelido, batido [...]” (TORRINHA, 1942, p. 710). É notável a permanência da raiz latina a partir da observação das formas derivadas no português, mesmo que a forma atual se apresente descaracterizada devido ao grande número de transformações históricas sofridas, sendo necessário utilizar-se da diacronia, com a missão de resgatar o elemento que representa a língua de origem.

3. Conclusão

Neste estudo se propôs a realização de uma análise da formação do léxico português a partir de formas verbais no particípio passado latino, tomando como elementos norteadores o comportamento dos vocábu-

¹ *Supino*: é uma forma especial de infinitivo, invariável, para indicar finalidade, geralmente terminada em *tum*: *amatum*, = para amar; *delectum*: para destruir; *audium*: para ouvir. (ALMEIDA, 2000, p. 206)

los no percurso histórico por meio das transformações metaplásmicas à luz da fonética histórica.

A partir da consulta aos *corpora*, percebeu-se que o português representa documentalmente um prolongamento histórico do latim, constituindo-se de uma contribuição significativa de vocábulos dele provenientes, e isso é notável a partir da observação das alterações fonéticas ocorridas ao longo do tempo por um processo lento, o qual pode ser comprovado através de consulta a gramáticas históricas e dicionários, que constituem valiosas testemunhas para o exame minucioso de tal evolução.

As formas do português atual são, na verdade, derivações do latim, que se encontram descaracterizadas, pelo fato de terem sido submetidas a um processo lento de mudanças fonéticas, o que dificulta a recuperação do elemento da língua de origem, se observado apenas um estágio isolado no tempo. Nesta perspectiva, infere-se que a compreensão do estágio de um vocábulo atual só será possível se observados todos os estágios ocorridos historicamente, isto é, a partir da comparação do estágio mais antigo que se conhece até o atual. Deste modo, admite-se que o motivo de os estudantes contemporâneos apresentarem dificuldades de compreensão do léxico do idioma materno se explica pelo fato de hoje inexistir o ensino da língua-fonte na educação básica, pois, conforme visto neste estudo, a partir da análise histórica e da etimologia, o que era obscuro se torna claro, passando a ter sentido completo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. *Grammatica histórica da língua portuguesa*. 2. ed. melh. e augm. São Paulo: Melhoramentos, 1931. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>>. Acesso em: 05-06-2016.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina: curso único e completo*. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2009.

LEONI, Francisco Evaristo. *Genio da lingua portuguesa, ou causas racionaes e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma lingua*. Lisboa: Typ. do Panorama, 1858. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramaticaindex.php?fg=arquivos/>>

FranciscoEvaristoLeoni_tomoI.pdf&mn=gramatica6menu.php>. Acesso em: 05-06-2016.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>>. Acesso em: 05-06-2016.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. 2. ed. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. 1. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.